



(Mensagem do "Jornal do Comercio")
 Fevereiro - 1938

A COMMUNIDADE RURAL

EVARISTO DE MORAES FILHO

A comunidade é o centro dos estudos da sociologia rural. Tudo aqui gira em torno do conceito de comunidade. O meio rural é chamado de comunidade rural. Não uma comunidade primitiva, simples, igual; e sim, na maioria das vezes, estratificada, dividida, complexa. Aliás, o proprio Clark Wissler chamou a atenção para esta diferença, ao definir a comunidade primitiva como objecto dos estudos da antropologia social (1). Mas, em comparação com a cidade, o meio rural-agricola ainda apresenta um grau bem mais elevado de vida em *commun*. Consideram-se os typos de comunidade, sua organização, suas actividades e os principios de seu desenvolvimento.

Tentemos definir a comunidade. O iniciador da sociologia da comunidade foi Ferdinand Tönnies. Depois d'elle, e no mesmo sentido, vieram G. Simmel e E. Durkheim. Em artigo anterior, já nos demoramos bastante sobre esses tres sociologos para repetil-o agora. Ainda, como doutrina paralela, até certo ponto, apresentamos tambem os estudos de Schmalembach e Max Weber. Tomemos, pois, muito summariamente, o contraste basico de Tönnies: *sociedade e comunidade*. Mac Iver prefere dar ás duas os nomes de *associação e comunidade*. A *sociedade* é o campo *commun* que as engloba. Para os tres referidos sociologos, a comunidade/por semelhança; a não-individualidade dos membros; o dominio dos interesses da comunidade; a crença; a propriedade *commun*; os costumes; etc.

Talvez inspirado em Tönnies, Mac Iver oferece o seguinte contraste: "A Comunidade ;

um *fóco de vida social*, a vida em *commun* de seres sociaes; a associação é uma *organização de vida social*, nitidamente estabelecida com um ou mais interesses sociaes em vista." Uma associação é parcial, uma comunidade é integral. (2) Póde, por isso, existir mais de uma associação dentro de uma só comunidade.

Procuramos a seguinte definição: "Uma comunidade é composta de um grupo de homens, habitantes de uma area geographica de partes contiguas. E' o grupo de localidades" (3). Para elles, o limite da área geographica, a contiguidade, é o elemento principal da comunidade. E' preciso haver, tambem, uma concentração de interesses e de actividade. Os negocios e as instituições devem andar juntos. Para elles, são os seguintes os caracteristicos da comunidade: 1) um grupo de homens vivendo em sociedade; 2) área geographica contigua; 3) centros *commun*s de interesses e actividades; 4) unidade funcional. Esta ultima refere-se á cooperação dos membros de uma comunidade, á unidade de vida, pelo menos no que diz respeito ás preocupações e aos problemas mais usuaes da existencia em *commun*. Para Gillette, (4) são seis os principaes attributos da comunidade: 1) restricta localisação territorial; 2) contactos face a face; 3) interesses *commun*s; 4) consciencia dos elos de *communhão*; 5) organização cooperativa permanente; 6) a existencia de um centro ou mais de interesses.

(2) — Maiver — *Community* — Macmillan — 1928.

(3) — L. D. Osborn — M. H. Neumeyer — *A comunidade e a sociedade — Introdução e Sociologia* — trad. de J. de Sampaio Ferraz — S. Paulo — 1936 — pag. 19

(4) — *Community Concepts* — in *Social Forces* — V. IV — Junho — 1926 — pag. 677, cit. por Osborn e Neumeyer.

(1) — Clark Wissler — *An Introduction to Social Anthropology* — New York — 1929 page. 14 e 15; "Primitive peoples do not live like rural populations under the way of our civilization..."

1 - o que nos interessa - é a unidade natural simples, solidária

comunidade rural - Osborn e Neumeyer

Sorokin, Galpin e Zimmerman offerecem 14 factores característicos da communitate rural. (1) Elles chamam de *laços*, isto é, relações capazes de manter a unidade da organização communal. São elles: 1) parentesco physiologico e communitate de sangue ou origem do mesmo ancestral physico ou mystico (totemico); 2) casamento; 3) *semelhança* em creanças rythos religiosos e magicos; 4) *semelhança* em costume e linguagem nativas; 5) posse e utilização commum da terra; 6) proximidade territorial (*vizinhança*); 7) responsabilidade commum (algumas vezes imposta por outros grupos) para a manutenção da ordem, pagamento de taxas, quitação de dividas, etc., e aquisição de certos privilegios; 8) communitate de interesse occupacionaes; 9) communitate de varios typos de interesses economicos; 10) sujeição ao mesmo *lord*; 11) ligação ou compulsoria, á mesma instituição social ou agencia de serviço e controle social, taes como a mesma policia ou centro policial, escola, templo e igreja de negocio, autoridade militar, *bureau* eleitoral, hospital, ou qualquer uma outra agencia; 12) defesa commum contra o inimigo ou em perigo commum, 13) auxilio mutuo; 14) viver, sentir e agir juntos, de modo geral. Nem sempre todos esses laços estão presentes numa mesma communitate. Na maioria das vezes predominam uns, com a ausencia de outros. Mas, de qualquer modo, é preciso um certo numero delles para ser mantida a organização communal. Quanto maior for a quantidade de laços, tanto mais forte será a communitate, tanto mais difficilmente ella poderá ser dissolvida.

RESTRICTA LOCALISAÇÃO TERRITORIAL. Na triplíce divisão dos grupos sociaes apresentada por Maunier, em grupos de parentesco, grupos de localidade e grupos de actividade, a primeira e a sexta características de Gillette e Sorokin, respectivamente, devem abranger os grupos de localidade. E' esta classificação de Maunier a que mais corresponde ao sentido da sociologia rural americana. Nos grupos de localidade, segundo Maunier, salienta-se a *residência*, como elemento essencial. Não interessa que os seus habitantes sejam parentes, é bastante viverem juntos, serem vizinhos. O que lhes mantém a vida em commum é a proximidade territorial. O espaço é que os unifica. Mas não é só o espaço, o tempo também. E' preciso viver muito *tempo* no mesmo *lugar*, para que se forme o sentir em commum, a integração na vida do grupo, o respeito aos costumes. Nestes grupos, é a habitação que decide da sua continuidade. Não basta ter a mesma localização territorial; é preciso qu eella seja contigua, restricta. E' preciso a noção de *confim*, de limite, de fronteira. O espaço deve ser limitado e definido. Nestes grupos, as entidades geographicas dão os nomes ás sociedades

correspondentes. Na Idade Média eram a *domus*, o *vicus*, a *civitas*, a *provincia*, o *regnum*, e até, a *communista totius orbis*, etc. Era o elemento geographico como característico.

Embora sempre andem juntas as noções de communitate e vizinhança, ha quem as differencie. Uns, como Maunier (2) B. MacClenhan, dão a vizinhança como fonte, como base indispensavel da communitate. O primeiro cita como exemplo folk-lorico o proverbio arabe: "não é teu irmão quem mora longe". Outros, porém, — e, talvez, representem a maioria — negam esta identidade, e offerecem certo contraste entre ellas. Não basta, zómente, a vizinhança para constituir a communitate. Nas cidades, por exemplo, o que se encontra é a vizinhança, e não a communitate. Embora existam nas cidades, elementos de communitate, taes como caixas communs de beneficio e de soccorro mutuo, irmandades religiosas, e muitos outros, nunca podemos classificar-as de communitates. Encontam-se, apenas, areas mais ou menos differenciadas São as areas echologicas das grandes cidades. Mantêm-se unidas pela vizinhança. Quem melhor caracterizou este contraste foi K. L. Butterfield. Uma só citação sua, por extenso, será o bastante para esclarecer a questão: "Não devemos confundir "communitate" e "vizinhança". Uma vizinhança é simplesmente um grupo de familias vivendo convenientemente achegadas umas das outras. Ella póde fazer muitas cousas, mas não é uma communitate. A verdadeira communitate é um grupo social, mais ou menos capaz de prover-se a si proprio. E' bastante amplo para dispôr de seus proprios nucleos de interesse: — centro mercantil, centro social, igreja, edificio escolar, garage, bibliotheca, e possuir instituições outras de que careça o povo da communitate. E' mais alguma cousa que méra aggregação de familias. Numa communitate podem existir varias vizinhanças. A communitate é a menor unidade social apta a manter-se junta. Theoricamente, ella poderia levar vida propria, embora impossivel, na realidade, como impossivel seria ao individuo levar, estritamente, a vida do eremita. A communitate é uma especie de grupo individualizado. E', a um só tempo, o menor e o maior numero de individuos que logra constituir verdadeira unidade social".

CONTACTO FACE A FACE — As relações dos habitantes de uma communitate, em geral, são directas. Todos se conhecem e se cumprimentam. Mas isto só acontece nas communitates primitivas, porque, quanto mais se desenvolve uma aldeia, uma pequena cidade, qualquer outro meio rural, tornam-se mais raros e difficeis os contactos face a face. Esta característica depende completamente da proximidade territorial. Em geral, nas vizinhanças é que se dão, mais frequentemente, os contactos face a face. No

meio rural ha varias oportunidades dexe contacto. Não só na vida diaria, em que todos se encontram como uma só familia, como tambem nas feiras, nos mercados, nas festas de igreja, em *meetings* politicos, e em tantos outros oportunidades; os habitantes vivem sempre num conhecimento directo. Para Kolb, este contacto face a face é o caracteristico da vizinhança. Decorre simplesmente da propria proximidade habitacional. (1)

INTERESSES COMMUNS — EXISTENCIA DE UM CENTRO OU MAIS DE INTERESSES COMMUNS — Estes elementos já são mais estaveis na constituição das comunidades ruraes. Para os doutrinadores americanos da theoria das "forças sociaes", os interesses ou propositos representam tudo na organização e evolução sociaes. O interesse commum, porém, não é tudo. E' sómente um dos elementos de união da comunidade rural. Em geral, os interesses mais fortes, capazes de manter esta unidade communal, são os economicos e os politicos. Todos os outros, segundo Mac Iver, são interesses secundarios, ou derivados. Taes como o religioso, o genetico, o juridico, o esthetico, etc..

Tudo isso constitue a dynamica, as formas de actividades das comunidades. Osborn e Neumeyer (2) classificam as actividades e as agencias de qualquer comunidade em 7 aspectos fundamentaes: 1) *familia*, isto é, a formação do lar, a construcção da casa, a criação dos filhos, etc.; 2) *ganho de vida*, que envolve os processos de produção, troca e consumo de mercadorias. Encerra tambem grande numero de organizações economicas e occupacionais; 3) *educação*, abrange desde a escola até á radio-difusão, como instrumento de cultura. Inclue a escola, o radio, a imprensa, as bibliothecas, etc; 4) *jogo e recreio*, como empregos de lazer. Para satisfazer-os são necessarias agencias especiaes; 5) *vida moral e religiosa*, representadas pelas igrejas, pelos centros de propaganda e praticas religiosas; 6) *governo*, como protecção e controle da comunidade; 7) *protecção aos desajustados*, protecção aos animaes e desajustados sociaes, como capazes de se tornarem perigosos ao bem-estar da comunidade.

CONSCIENCIA DOS ELOS DE COMMUNHÃO — ORGANIZAÇÃO COOPERATIVA PERMANENTE — Estas duas características são correlatas e se completam. Mas só em comunidades evoluídas e restrictas é que ellas pôdem ser dadas como elementos essenciaes á comunidade, principalmente a primeira, que requer uma actividade consciente. Segundo, Mac Iver, está o valor da comunidade, justamente, nesta percepção consciente dos interesses communs. Para elle, a comunidade

é uma unidade social, na qual os seus membros reconhecem um certo numero de interesses communs, capazes de manter a vida interativa em commum. A consciencia dos elos da communhão lembra mais uma *associação* na qual os membros entram delliberadamente, após o trabalho prévio do reconhecimento dos interesses communs. Nas grandes comunidades ruraes, porém, antes dos membros reconhecerem-se solidarios, elles já o eram, pela força de muitos outros elementos independentes da vontade de cada um delles, ou pouco influenciados por ella. Taes como a contiguidade territorial, o parentesco, á submissão a mesma crença, etc.

Estudemos agora os elementos apresentados por Sorokin, Galpin e Zimmerman. Pela distribuição dos elementos acima citados, começa a apparecer a *differenciação social rural*, que, juntamente com a *estratificação* e a *mobildade*, completa a morphologia do meio rural. Com ella, surgem varios outros problemas. Eis alguns delles: quaes são as bases da differenciação da população rural em grupos? Quaes os principaes typos desses grupos? Quaes as ultiores subdivisões desses grupos, e suas características? Quaes as mudanças essenciaes da differenciação social rural atravez da historia, e especialmente sob a influencia da urbanização?

Aquelles quatorze elementos ou laços apresentados por Sorokin, Galpin e Zimmerman constituem as chamadas ligações creadoras de grupos (*group-creating bonds*). Esses grupos são unidades sociaes reaes, e não ficticias. Os grupos ficticios são os estatisticos, isto é, o de certas pessoas que não mantém relação alguma, não dependem em nada umas das outras, no sentido directo e solidario da comunidade. A comunidade, o grupo, o aggregado, a associação são realidades sociaes e não méras abstracções. Os grupos sociaes reaes distinguem-se dos ficticios porque *vivem e functionam como unidade*. Porque os seus membros se encontram ligados uns aos outros por laços, voluntarios ou compulsorios, que os obrigam a viver e a se conduzir de maneira interdependente, em geral com os mesmos sentimentos de solidariedade e comunidade de interesses.

Pelo numero de laços que mantenham a unidade social do grupo, podemos classificar os grupos em *elementares* e *cumulativos*. Nos elementares, os seus membros acham-se unidos sómente por um dos laços apresentados, ou pelo parentesco, proximidade territorial, ou qualquer um outro. Nos grupos sociaes cummulativos, os seus membros acham-se juntos por mais de um dos laços. Os graus de complexidade ou integração dos grupos cumulativos ou comunidades variam com o numero de laços que mantém cohesos os seus membros. Por exemplo, um grupo de agricultores, parentes, que trabalham na mesma aldeia, sob a mesma religião, e responsaveis todos elles pela ordem da aldeia. Esses agricultores estão unidos por quatro laços communs. E assim por diante.

(1) — R. Maunier — op. cit. Na pag. 45. Maunier faz um pequeno estudo da vizinhança, no qual lembra que o "velho Pothier tratava "a vizinhança", como um quasi-contracto, formadora de obrigações".

(2) — Osborn e Neumeyer — op. cit. — pags. 27/28

tacto. Não só na vida diária, em que todos se encontram como uma só família, como também nas feiras, nos mercados, nas festas de igreja, em *meetings* políticos, e em tantos outros oportunidades; os habitantes vivem sempre num conhecimento directo. Para Kolb, este contacto face a face é o característico da vizinhança. Decorre simplesmente da própria proximidade habitacional. (1)

INTERESSES COMMUNS — EXISTENCIA DE UM CENTRO OU MAIS DE INTERESSES COMMUNS — Estes elementos já são mais estaveis na constituição das comunidades rurais. Para os doutrinadores americanos da theoria das "forças sociais", os interesses ou propositos representam tudo na organização e evolução sociais. O interesse commum, porém, não é tudo. E' sómente um dos elementos de união da comunidade rural. Em geral, os interesses mais fortes, capazes de manter esta unidade communal, são os economicos e os politicos. Todos os outros, segundo Mac Iver, são interesses secundarios, ou derivados. Tais como o religioso, o genetico, o juridico, o esthetico, etc..

Tudo isso constitue a dinamica, as formas de actividades das comunidades. Osborn e Neumeyer (2) classificam as actividades e as agencias de qualquer comunidade em 7 aspectos fundamentaes: 1) a) *família*, isto é, a formação do lar, a construção da casa, a criação dos filhos, etc.; 2) *ganho de vida*, que envolve os processos de produção, troca e consumo de mercadorias. Encerra também grande numero de organizações economicas e occupacionais; 3) *educação*, abrange desde a escola até a radio-difusão, como instrumento de cultura. Inclue a escola, o radio, a imprensa, as bibliothecas, etc; 4) *jogo e recreio*, como empregos de lazer. Para satisfazer-os são necessarias agencias especiaes; 5) *vida moral e religiosa*, representadas pelas igrejas, pelos centros de propaganda e praticas religiosas; 6) *governo*, como protecção e controle da comunidade; 7) *protecção aos desajustados*, protecção aos animaes e desajustados sociais, como capazes de se tornarem perigosos ao bem-estar da comunidade.

CONSCIENCIA DOS ELOS DE COMMUNHÃO — ORGANIZAÇÃO COOPERATIVA PERMANENTE — Estas duas características são correlatas e se completam. Mas só em comunidades evoluídas e restrictas é que ellas podem ser dadas como elementos essenciaes á comunidade, principalmente a primeira, que requer uma actividade consciente. Segundo, Mac Iver, está o valor da comunidade, justamente, nesta percepção consciente dos interesses communs. Para elle, a comunidade

reconhecem um certo numero de interesses communs, capazes de manter a vida interativa em commum. A consciencia dos elos da communhão lembra mais uma *associação* na qual os membros entram deliberadamente, após o trabalho prévio do reconhecimento dos interesses communs. Nas grandes comunidades rurais, porém, antes dos membros reconhecerem-se solidarios, elles já o eram, pela força de muitos outros elementos independentes da vontade de cada um delles, ou pouco influenciados por ella. Tais como a contiguidade territorial, o parentesco, a submissão a mesma crença, etc.

Estudemos agora os elementos apresentados por Sorokin, Galpin e Zimmerman. Pela distribuição dos elementos acima citados, começa a apparecer a *differenciação social rural*, que, juntamente com a *estratificação* e a *mobildade*, completa a morphologia do meio rural. Com ella, surgem varios outros problemas. Eis alguns delles: quaes são as bases da differenciação da população rural em grupos? Queses os principaes tipos desses grupos? Queses as ultteriores subdivisões desses grupos, e suas características? Queses as mudanças essenciaes da differenciação social rural atravez da historia, e especialmente sob a influencia da urbanização?

Aquelles quatorze elementos ou laços apresentados por Sorokin, Galpin e Zimmerman constituem as chamadas ligações creadoras de grupos (*group-creating bonds*). Esses grupos são unidades sociais reais, e não ficticias. Os grupos ficticios são os estatisticos, isto é, o de certas pessoas que não mantêm relação alguma, não dependem em nada umas das outras, no sentido directo e solidario da comunidade. A comunidade, o grupo, o aggregado, a associação são realidades sociais e não méras abstracções. Os grupos sociais reais distinguem-se dos ficticios porque *vivem e functionam como unidade*. Porque os seus membros se encontram ligados uns aos outros por laços, voluntarios ou compulsorios, que os obrigam a viver e a se conduzir de maneira interdependente, em geral com os mesmos sentimentos de solidariedade e comunidade de interesses.

Pelo numero de laços que mantenham a unidade social do grupo, podemos classificar os grupos em *elementares* e *cumulativos*. Nos elementares, os seus membros acham-se unidos sómente por um dos laços apresentados, ou pelo parentesco, proximidade territorial, ou qualquer um outro. Nos grupos sociais cumulativos, os seus membros acham-se juntos por mais de um dos laços. Os graus de complexidade ou integração dos grupos cumulativos ou comunidades variam com o numero de laços que mantêm cohesos os seus membros. Por exemplo, um grupo de agricultores, parentes, que trabalham na mesma aldeia, sob a mesma religião, e responsaveis todos elles pela ordem da aldeia. Esses agricultores estão unidos por quatro laços communs. E assim por diante.

(1) — R. Maunier — op. cit. Na pag. 45. Maunier faz um pequeno estudo da vizinhança, no qual lembra que o "velho Pothier tratava "a vizinhança", como um quasi-contracto, formadora de obrigações".

(2) — Osborn e Neumeyer — op. cit. — pags. 27/28

haver mais de uma associação, como ficou dito, atrás. Tudo isso decorre do numero de laços que unam seus membros. E nos *groups-creating bonds* é que reside todo o principio da differenciação rural. Porque, enquanto uns estão presos por quatro, cinco, seis e mais laços, outros presos sómente por um, dois e tres laços. Dahi a regra que Sorokin apresenta: quanto mais cedo se differenciam o numero ou natureza dos laços que unem as partes individuaes da população de uma dada localidade, mais depressa resulta uma ulterior subdivisão ou differenciação social e estratificação da referida população. Por exemplo: 30 agricultores compõem um grupo, A, unidos pelo territorio. Agora, dentro deste mesmo grupo, 16 delles são unidos por um outro laço, religioso por exemplo, e já constituem um sub-grupo, B. Dentro deste grupo, porém, 9 delles acham-se ainda unidos por mais um laço, o politico, constituindo o grupo C. E o exemplo poderia estender-se indefinidamente. Resumindo esta parte, podemos apresentar tres ordens de conclusões: a) a existencia de um grupo social rural presuppõe a presença de algum dos laços que mantêm os individuos em uma unidade social; b) as condições que servem de laços unificadores ficaram expostas acima; c) podemos apresentar varios graus de complexidade nos grupos elementares ou cumulativos, conforme o numero de laços unificadores.

Como typos extremos de organização social rural, podemos apresentar de accordo com alguns doutrinadores da escola, a "comunidade cumulativa" rural e a "associação funcional" rural. Esta ultima é tambem chamada de "grupos differenciados". O primeiro typo é o ethnologico (1), isto é, representado pelas clans primitivas pelos antigos grupos ruraes que cada vez se tornam mais raros. O segundo typo é o apresentado, actualmente, pela maioria das populações camponesas de muitas regiões dos Estados Unidos.

A "comunidade cumulativa" vem se tornando cada vez mais fraca através da historia. Pelos meios de comunicação, taes como o radio, a imprensa, o cinema; pelos meios mais rapidos de transportes, taes como o trem, o aeroplano, o automovel; pela divisão do trabalho entre o campo e a cidade; pela divisão do trabalho entre os proprios agricultores, torna-se impossivel o isolamento rural, destróe-se a noção restricta de area geographica, elimina-se a sufficiencia propria das comunidades ruraes e enfraquece-se a solidariedade entre elles. Por isso podemos concluir que diminúe cada vez mais a unidade pelos laços capazes de constituir uma comunidade. E, com a quebra dos laços,

va. E' muito difficil encontrar-se, hoje, um exemplo de "comunidade cumulativa" nos paizes civilizados, onde já esteja completamente definida a differenciação rural-urbana. Comtudo, ainda em 1920, Kolb pensava tel-o encontrado em Winconsin, ao norte dos Estados Unidos. Em 1925, porém, em monographia escripta de collaboração com A. F. Wileden e intitulada *Special Interest Group in Rural Societ*, elle corrigiu o que dissera no estudo anterior. Por esse desenvolvimento, a comunidade deixa de ser mantida por todos os laços apresentados. Os seus membros acham-se unidos por laços diferentes em diferentes grupos (*groupings*). De modo que um grupo, A, pôde ser por fillação religiosa um outro, E, por partidarismo politico; ainda outro, C, por organização cooperativa; mais outro, D, por fillação escolar. E assim por deante.

As differenças entre "comunidades cumulativas" e "associações funcionaes" podem ficar assim resumidas: *Comulative Community*: maior dependencia do territorio, os vizinhos são mais solidarios, a rede de relações é mais dura e involuntaria, a vizinhança é pelo territorio, os seus membros só têm um meio social; a propria comunidade; *Functional Associations*: o territorio não é elemento essencial, a solidariedade não é em função da vizinhança, a rede de relações é mais flexivel e mutavel, a vizinhança se mantêm por certos *pensares e sentires* comuns, os seus membros podem ter mais de um (*grouping*) em que exercer sua actividade social. (2)

A questão da area geographica da comunidade rural não é tão pacifica, como parece de inicio. Em primeiro lugar, podem-se citar as comunidades moveis, nas quaes, pelos meios modernos de transporte e locomoção, se vêm constantemente renovadas. A cada passo se vêm ampliados os seus circulos de relações. Augmentam os contactos, e a organização social rural torna-se maior. A cada passo, os grupos crescem e se desenvolvem, e, como consequencia, as areas que os supportam tornam-se tambem mais amplas. Em segundo lugar, surgem difficuldades da propria localisação da comunidade, do typo "associações funcionaes." Porque o elemento territorial é sómente um dos inumeros elementos que caracterizam a comunidade. De modo que a comunidade pôde existir sem a proximidade territorial. Numa população rural dispersa, por exemplo, o territorio deixa de ser o elemento principal da comunidade, podendo estar ausente, sem que a comunidade desapareça. Na mesma localidade, a população pôde se encontrar dividida em mais de uma comunidade economica, escolar, politica, religiosa, ou de outra especie. Voltemos á questão: onde se localisa, então, a comunidade? Isto é, onde

(1) — C. Wissler — op. cit. — pag. 15: "Usamos o termo *comunidade* para signifi-

gum daquelles factores communaes. Alguns sociologos ruraes como Kolb, respondem que o melhor meio de localizar uma comunidade é o nome que os camponezes dão á localidade onde vivem. Outros, como Hummel, respondem que é a *proximidade territorial*. São precarios estes dois pontos de vista. Só o nome não indica que existe uma comunidade, por isso que muitas vezes — como reconheceu o proprio Kolb, num estudo feito em 121 grupos ruraes — o nome é

de. Além disso, os grupos ficticios tambem tem nome e não representam, de modo algum, uma comunidade. Só o territorio tambem não basta, como já vimos linhas atrás. A comunidade nem sempre está onde se pensa. Ella está onde estiver o seu centro de interesse, seja elle economico, politico, religioso, educacional ou sportivo.

(27 — Fevereiro — 1938)

